

(IN)FORMAÇÃO E TRAJETÓRIAS DE UM TEATRO MUSICAL, ALÉM DO EIXO RIO E SÃO PAULO: ENTREVISTA COM BETO SARGENTELLIGiovanni Amaral Cosenza¹**APRESENTAÇÃO**

Em 24 de setembro de 2020, Beto Sargentelli² concedeu uma entrevista para Giovanni Amaral Cosenza (GAC), tendo como finalidade a submissão à *O Mosaico – Revista de Pesquisa em Artes* (ISSN: 2175-0769), sendo realizada de forma *on-line* e pelo aplicativo *WhatsApp*, tendo uma duração de mais de uma hora. O entrevistado autorizou a publicação para fins acadêmicos.

Beto Sargentelli é de São Paulo, cidade que é referência na produção de grandes musicais, além de ser um dos polos no Brasil, junto com a cidade do Rio de Janeiro formam o eixo Rio-São Paulo, que concentra o maior número de produções e montagens do gênero teatro. Entretanto, a presente entrevista visa ampliar esse recorte e mostrar que o Teatro Musical vem conquistando demais cidades e estados brasileiros. Além de apresentar vivências como arte-educador e ator do entrevistado, e um olhar dele sobre os processos educacionais.

A entrevista aduz o enfoque nos eixos temáticos: a) Cena, corpo e educação; b) Corpo e processos educacionais em comunicação; c) O ensino formal, não formal e informal das artes do corpo.

Giovanni Amaral Cosenza (GAC): Compare a formação do ator de teatro musical no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, e fora dele.

1 Tecnólogo em Produção Cênica pela UFPR, acadêmico de Direito pela PUCPR e pós-graduando em Dança: Gestão e Produção Cultural pela Faculdade Inspirar. Atualmente, está Conselheiro Estadual de Cultura do Paraná (Biênio 2020-2022), pela cadeira do Teatro e é produtor cultural da Púrpura Produções. E-mail: giovannicosenza1996@gmail.com

2 Beto Sargentelli é ator, cantor, músico, produtor, professor (Teatro e Canto) e arte-educador, graduado em Artes Cênicas/Teatro pela Faculdade Paulista de Artes e Interpretação para Cinema na Escola de Atores Wolf Maya, ele é vencedor do Prêmio Bibi Ferreira 2019 de Melhor Ator e garantiu pelos últimos 5 anos consecutivos 13 indicações e 9 conquistas a prêmios de Melhor Ator. Em 2021 celebrará 16 anos de carreira somando 27 peças, dentre elas 18 musicais, e protagonizando o que será seu 13º musical da Broadway: “West Side Story” na pele de Tony, sob direção da dupla Möeller & Botelho e o maestro Cláudio Cruz.

Beto Sargentelli: Eu acho que devido à demanda que tivemos em São Paulo e no Rio de Janeiro, com aumento das produções de Teatro Musical, houve também uma procura maior pelas matérias que envolvem esse gênero, como a interpretação, o canto, a dança, o sapateado e suas variações.

Apesar do Teatro Musical já ter tido manifestações e montagens antes, acredito que foi a partir do grande retorno das produções, nos anos 2000, que começaram a surgir novas escolas específicas do gênero.

No Brasil, nós não temos o mesmo hábito, ou melhor, não temos a mesma estrutura que os americanos ou os ingleses têm, entre outras potências que tratam a arte com a devida importância, senão a mais importante, em equiparação, com as outras matérias.

Então, a gente tem no Brasil apenas manifestações isoladas nas escolas, tendo algumas escolas específicas com muita batalha. Também acontece o teatro, entre outras variações, mas o Teatro Musical, que você tem aula de música, aula de canto, aula de dança, aula de interpretação não existe no ensino formal, a gente tem uma defasagem em relação às outras potências, mas, a partir dos anos 2000, com as grandes produções vindas de fora e também as de autoria brasileira, a gente acabou tendo um mercado que se abriu para o profissional de teatro.

Além dos teatros de prosa, dos músicos e/ou cantores e os bailarinos, então juntou-se aí todas essas matérias e a necessidade também de usar todas elas ao mesmo tempo, no caso do Teatro Musical, devido ao eixo Rio e São Paulo ter público, por se tratarem de cidades enormes, onde há um giro de pessoas e de visitantes muito grande, as grandes produções acabaram enraizando-se nesse eixo.

Devido a isso, o processo de formação em Teatro Musical também evoluiu nessas cidades, mas nos últimos anos a gente vem observando outras manifestações de arte, ou melhor, de estudos de Teatro Musical, em específico, também em outros lugares do Brasil, bem como a região Sul, região do Nordeste e até no próprio Sudeste nos estados vizinhos, ainda não com o mesmo enfoque do eixo Rio e São Paulo ou com a mesma, digamos, quantidade ou giro de alunos. Já existem produções acontecendo fora do eixo Rio e São Paulo ou turnês pelo Brasil, o que é muito bacana.

Com relação as escolas, eu – como arte-educador – tive a oportunidade de ir à Fortaleza, Curitiba e Poços de Caldas ministrar cursos e workshops de Teatro Musical, além do eixo Rio e São Paulo. Então a diferença, na verdade, está mais na demanda, pois há uma maior concentração de grandes produções no eixo Rio e São Paulo. Por conseguinte, também um grande aumento das escolas específicas para Teatro Musical, mas claro que as matérias podem ser estudadas, também, individualmente e depois serem juntadas quando o profissional entra no mercado ou vivencia experiências em Teatro Musical.

GAC: Como foi a experiência de cursar a graduação em artes cênicas/teatro na Faculdade Paulistana de Artes e trabalhar com musicais profissionais ao mesmo tempo?

Beto Sargentelli: Eu acredito que a experiência foi a melhor possível. Eu venho de uma formação anterior a faculdade. Desde menino mesmo que eu vinha estudando teatro, já tinha feito parte de algumas companhias super interessantes aqui em São Paulo – isso em teatro de prosa – e a música sempre andou junto e o canto também, foi uma coisa que veio naturalmente comigo, enfim, uma questão familiar e depois também, obviamente, o treinamento e o estudo do canto e suas modalidades, estilos e tudo mais, quando eu ingressei, ou melhor, tentei ingressar nesse mercado do Teatro Musical. Depois que consegui me estabelecer neste mercado, nesse gênero de teatro, a experiência foi o melhor possível, porque eu já tinha trabalhado em musicais profissionais, ainda com 17 para 18 anos, quando iniciei a minha graduação de licenciatura e bacharelado em Artes Cênicas na Faculdade Paulista de Artes, que é uma faculdade com uma qualidade muito boa aqui em São Paulo.

Eu tive um grande privilégio de iniciar a minha graduação já trabalhando no mercado ou ingressando nas primeiras grandes produções de Teatro Musical, bem como outras manifestações de arte também, então foi a melhor experiência possível, porque eu podia aplicar tudo que eu vinha aprendendo na faculdade e tudo que eu já tinha aprendido nas produções e vice-versa.

Enxergar também as produções das quais eu fiz parte com um olhar mais apurado, com conhecimento, com embasamento, enfim, com toda a oportunidade que a gente tem no mundo acadêmico, principalmente a Faculdade Paulista de Artes que é toda concentrada, apenas, em artes. Tinha uma interdisciplinaridade muito bacana. Nós tínhamos os estudantes

de música, de dança, de canto, de artes plásticas e, obviamente, de artes cênicas, então, tive um grande privilégio de conviver e já ter o entendimento muito maior dos trabalhos que eu vinha executando, um outro olhar, como um acadêmico, dentro dessas grandes produções, então foi o melhor possível.

GAC: Trace uma diferença do ensino formal e não formal para a interpretação no Teatro Musical.

Beto Sargentelli: Bom, eu acho que a diferença do ensino formal e o ensino não formal para interpretação do Teatro Musical acaba sendo relativo, dependendo da abordagem. Depende da escola, depende do professor, enfim, do objetivo do aluno, mas o ensino formal, no meu caso a graduação em Teatro/Artes Cênicas, é muito importante porque engloba todas as opções estéticas de uma interpretação ou de um estilo de teatro, então a gente acaba tendo um embasamento muito maior na nossa interpretação.

Eu sempre digo que a interpretação para Teatro Musical, na minha humilde opinião, é uma lenda, porque a interpretação é interpretação. O ator tem que ter a formação para qualquer gênero, para qualquer veículo, para qualquer manifestação cênica. Então eu acho que de certa maneira há uma confusão, onde as pessoas acabam tendo uma visão um pouco, digamos, equivocada, como se no Teatro Musical tivesse algo a mais ou um jeito específico de interpretar, até confundido em alguns casos com exagero, que é, na verdade, abominado. O exagero é abominado inclusive pelos americanos, como os diretores que já me dirigiram em algumas montagens aqui no Brasil. Vale ressaltar que há uma visão equivocada, por parte de alguns profissionais que não trabalham com Teatro Musical, lá fora também, não sendo um equívoco exclusivamente nosso.

Contudo, há profissionais internacionais que dizem que existe um preconceito esquisito em relação ao Teatro Musical, porque tem profissionais que acabam achando que tem essa característica do exagero ou de algo maior, excessivo, barroco, dentro da estética de interpretação barroca que soa esquisito dentro do gênero. Lembrando que se é uma montagem barroca com uma abordagem da direção barroca ou melodramática e tudo mais, caberia completamente, o problema é que há um equívoco, onde as pessoas numa montagem realista, elas aplicam isso de uma maneira como se o musical permitisse esse lugar.

Então, eu acho que a grande diferença é esse olhar que você tem quando se forma e busca o ensino formal. A questão não formal para interpretação de Teatro Musical, eu acho que sejam as vivências em Teatro Musical ou oficinas e workshops ou até *coach* individuais e tudo mais. Eu acho que tudo é válido, contanto que seja com bons profissionais, que tenham ideia, tenham trabalhado, tenham *know-how* sobre e tenham experiência sobre o Teatro Musical para justamente não ensinar, não existe certo e errado, mas não ensinar algo que não tenha ou que não encaixe de uma maneira apropriada ao gênero de Teatro Musical, onde a interpretação, ela é verdadeira e ela tem de ser verdadeira, além de ser adequada a proposta do gênero e do diretor do espetáculo em questão. Dentro do Teatro Musical temos diversas formas e estéticas teatrais que podem ser utilizadas, bem como qualquer outra peça, então varia muito mesmo, em relação a cada espetáculo, a cada profissional e entre outras coisas.

GAC: Como é o seu processo de construção da personagem?

Beto Sargentelli: Bom, o meu processo de construção do personagem é muito variado. Na verdade, eu sempre busco inovar e encontrar maneiras diferentes também de construir os personagens, então é muito relativo. Dependendo do personagem eu faço uma busca primeiro sobre o universo dele e o que envolve aquele personagem, o texto dele me traz informação. Eu busco primeiro tudo sobre o mundo no qual ele é inserido, busco o máximo de informações possíveis do texto ou diretor ou, às vezes, o livro no qual a peça foi baseada, mas, obviamente, evito de ver qualquer outro tipo de vídeo ou qualquer outro tipo de montagem. Eu não gosto de ser influenciado, evitando ao máximo de ver outras pessoas, outros atores realizando o espetáculo ou a peça ou o personagem.

O que é que eu faço? Eu vou atrás, na verdade, do que o texto me dá ou do mundo que ele está inserido, este é um dos processos e a partir deste primeiro contato, eu começo a estudar o meu texto, o meu personagem e encontrar o que o texto não diz, ver o que tem por trás desse texto, encontrar todas as camadas da personalidade desse personagem. Aí eu vou fazendo, realmente, um trabalho de mesa, onde vou investigando meu personagem de uma maneira técnica.

Depois desse processo técnico eu gosto de ir para uma construção emocional, então eu começo a buscar as emoções que eu encontrei tecnicamente. Eu tento trazer elas de maneira emotiva, emocional para o meu organismo. Começo a entender, começo a dizer em voz alta as palavras ou durante o processo começo a dialogar com os meus parceiros de cena e me deixo livre para criar em cima desse embasamento técnico, onde a minha intuição possa desenvolver algo a partir disso, dessas circunstâncias dadas, onde eu consiga andar sobre essas emoções de uma maneira livre, de criação, de busca, de procura e em busca de uma inspiração ou de momento bacana, onde eu consiga começar ali a “botar os tijolos”, e de tijolinho em tijolinho criar a personagem.

Claro que a construção da personagem vai até o final da temporada, né? Lógico que a gente formata junto ao diretor de uma maneira que tenha uma estrutura e uma lógica, tudo dentro do contexto. Óbvio que a gente tem que ter e manter a qualidade de interpretação e da função dessa personagem, mas a gente sabe que as personagens nunca estão prontas, né? A gente está sempre buscando, sempre investigando e sempre encontrando.

Tem também uma outra maneira que eu uso para encontrar que é por meio de movimentação. Então eu busco movimentos ou referências físicas, às vezes, até físico-psicológicas, onde eu enxergo coisas dentro do texto, onde eu consiga pegar ali, caso o personagem tenha alguma especificação corporal. Eu começo a buscar, antes de qualquer coisa emocional ou de texto, através de um movimento isolado, uma repetição ou alguma anomalia, e a partir disso eu consigo ir desenvolvendo o intelecto. É uma construção *meyerholdiana*, dentro da biomecânica e tudo mais, mas eu faço os dois caminhos, tem personagens que eu encontro por um caminho, outros que eu encontro por outro e daí por diante.

GAC: Como foi lidar com a relação: ator, arte-educador e produtor na montagem do espetáculo musical “Os Últimos 5 Anos”?

Beto Sargentelli: Foi muito interessante lidar com a relação ator, arte-educador e produtor, na montagem do espetáculo “Os Últimos 5 Anos”, se eu puder descrever a experiência é a melhor possível. Claro que é exaustivo, muito exaustivo, porque são funções, que individualmente exige muito do profissional, então elas somadas são bem complicadas, apesar de ser gratificante.

Como ator, o espetáculo é muito especial e muito difícil, eu diria complexo, pois são só dois atores em cena, um texto difícilíssimo e canções também desafiadoras, então por si só o trabalho de ator, neste espetáculo, já é um desafio, não só o meu como da minha parceira – éramos eu e a Eline Porto. Nós fizemos o casal da peça, e na vida somos sócios e também somos namorados, então nosso trabalho foi muito intenso.

Aí entra também a função de produtor. Sabemos que é muito, muito desafiadora também porque a gente tem uma série de informações e de demandas que temos que vislumbrar enquanto a gente tá no palco e em cena, tendo que resolver coisas muito específicas de produção e de direito autoral e, enfim, tudo que envolve uma grande produção de um musical desse porte, então foi muito interessante essa função, e para complementar nós tivemos também a função de arte-educadores, porque o nosso projeto firmou uma parceria entre a minha produtora e a ONG, Déias do Brasil, onde nós ministrávamos, como produtores, elenco e arte-educadores oficinas e um curso de formação para comunidades carentes daqui de São Paulo, onde ensinamos as modalidades de interpretação, canto e dança, com o desenvolvimento de um espetáculo e o desenvolvimento também da própria cenografia, figurinos, tudo sendo feito simultaneamente nos meses que tivemos esse projeto, que foram seis meses no total. Então foi uma experiência muito gratificante também por termos conseguido a visita dos alunos dessas comunidades carentes daqui de São Paulo, dentro da nossa plateia.

Todas essas as funções acumuladas foram muito bacanas, porque a gente teve essa chance de lidar em todas as frentes, então eu ter tido essa chance de lidar com cada uma das funções e inter-relacioná-las foi muito legal. Enfim, se eu pudesse descrever foi mais ou menos assim, foi muito especial, muito cansativo, mas muito gratificante mesmo assim, porque a gente sai com o coração ainda mais rico depois de toda essa experiência.

GAC: Como você transmite a sua experiência de ator para os seus alunos?

Beto Sargentelli: Essa pergunta é muito desafiadora para responder. Eu acho que eu sempre tento encontrar uma maneira, como arte-educador, de transmitir o que eu gostaria de ouvir ou a maneira como eu gostaria que abordassem a profissão, os desafios da profissão de ator, bem como as minhas dúvidas. Como aluno, eu carrego meus Mestres comigo, todos eles: os diretores, os professores, os mestres que eu tive no teatro, para

ter o meu modo de transmitir essa experiência para os meus alunos. Então, eu busco um jeito que seja o mais humano possível, onde a gente respeite as idiossincrasias de cada um, onde eu consiga acessar dentro da experiência de cada um aquele lugar que eu quero passar para eles.

Eu transmito (o conhecimento) de uma maneira muito pé no chão, mas ao mesmo tempo também mantenho os sonhos deles vivos, porque realmente a arte é um lugar que tem espaço para todos, não tem nada mais democrático do que a arte, então eu sempre incentivo cada um com a sua singularidade, com as suas dificuldades, com as suas facilidades, todos têm chance, todos têm possibilidade se batalharem, estudarem e lutarem para conquistar um espaço.

Claro que a gente sabe que não é justo, principalmente no Brasil. O mundo não é justo, mas no Brasil é ainda mais difícil. A gente não tem uma disputa justa. Alguns tem mais condições financeiras, mais tempo de estudar e tudo mais, porém, para tudo dá seu jeito.

Eu mesmo não tinha condições de pagar minhas aulas e atravessava a cidade para fazer aulas, porque eu tinha ganho bolsa aqui e bolsa lá, então acabou que eu mesmo, sem as condições ideais, batalhei muito, até além do que eu achei que eu pudesse, para conseguir conquistar, pelo menos, um lugarzinho ali na carreira, né?

A gente sabe que é uma batalha constante, a luta é constante, mas claro que a gente vai conquistando espaço e prestígio com o tempo. Se você trabalha com honestidade, muita luta e muita perseverança, as coisas acontecem, então de certa maneira eu tento passar isso para eles e tento incentivá-los ao máximo, e também compartilho as minhas experiências negativas e positivas para que eles entendam que realmente nada é 100% e, às vezes, é como a gente imagina e, às vezes, não. Enfim, tudo que envolve as dificuldades da nossa profissão, bem como, no caso de alguns alunos, a aceitação dos pais para trabalhar com arte e para desenvolver a arte em cada um deles.

GAC: Como as outras áreas artísticas influenciam o seu fazer dentro do teatro musical?

Beto Sargentelli: Eu acho que influenciam de diversas maneiras, primeiro que o próprio Teatro Musical já tem muitas linguagens de arte: artes plásticas, artes cênicas, artes visuais. No nosso caso em Teatro Musical o enfoque em marketing e divulgação é muito

grande, então a gente acaba tendo até o audiovisual, que é muito especial e muito bem utilizado, as vezes para uma divulgação do espetáculo ou mesmo no próprio espetáculo com as projeções e entre outras coisas.

Então, a gente tem muitas coisas que influenciam e o meu fazer, obviamente, está inter-relacionado com todas elas, todos os lugares são fontes de inspiração desde as músicas até algum quadro, algum movimento artístico, dentro do âmbito das artes plásticas ou das artes cênicas, que me fazem compreender melhor o meu trabalho de ator, então eu acho que é mais ou menos isso, elas influenciam totalmente.

A sétima arte, o cinema também influencia muito nas referências. A gente, às vezes, encontra grandes atores e grandes personagens, onde a gente consegue investigar como esse ator trabalhou, como ele desenvolveu a técnica ou como ele abordou um universo daquele filme ou daquele personagem, e isso se aplica a todas as outras artes.

GAC: Qual é a sua definição para o artista de teatro musical contemporânea?

Beto Sargentelli: Bom, eu acho que a definição do artista de Teatro Musical contemporâneo se baseia, na verdade, em se manter aberto para o novo, para descobertas, para os desafios. Eu acho que o artista de Teatro Musical, ele tem essa pluralidade nele, então, tem diversos tipos de espetáculos, diversos tipos de peças e abordagens. Há sempre a chance de aprender algo novo, isso eu digo em qualquer âmbito, em teatro de prosa, audiovisual e tudo mais.

Entretanto, o Teatro Musical acaba tendo uma dificuldade tripla como a gente chama, onde você precisa conseguir interpretar bem, cantar bem, dançar bem e sem parecer que você está fazendo tudo isso. Então este é o grande desafio. Se eu pudesse definir o que é o artista de Teatro Musical contemporâneo é isso, é o artista que está sempre buscando novos conhecimentos, novas modalidades e se aperfeiçoando todos os dias, porque se já é muito esforço você se dedicar totalmente a interpretação ou ao cantou ou a uma arte isolada, imagina ter que focar em todas elas, então realmente são pessoas que têm que ter essa mente muito aberta para o aprendizado constante e saber que é para sempre. Então é isso, a definição é pluralidade.

Recebido em: 28/10/2020
Aceito em: 26/02/2021